

LUÍS XIV – O REI SOL

Luís XV (1710 - 1774), rei francês (1715-1774) nascido em Versalhes, filho de Louis, duque de Bourgogne e Marie-Adelaide of Savoy, bisneto de **Luís XIV**, cujo reinado caracterizou-se pela luta das facções cortesãs e pelos fracassos da política externa, que afetaram o prestígio da coroa e contribuíram para preparar a revolução de 1789. Herdou o trono direto do bisavô por causa das mortes prematuras do avô e do pai, e assumiu o governo quando atingiu a maioridade (1723), recebendo poder das mãos de Filipe II, duque de Orléans. Casou-se com Maria Leszczyńska, filha de Estanislau I, rei destronado da Polônia, o que levou a França a combater a Áustria e a Rússia na guerra de sucessão polonesa (1733-1738). Durante a desastrosa guerra dos sete anos (1756-1763) contra a Grã-Bretanha e a Prússia, aliou-se à Áustria. Com a derrota perdeu a maior parte de suas colônias americanas e asiáticas, e a França perdeu toda a influência francesa no leste europeu depois da primeira partilha da Polônia (1772), e o rei caiu no descrédito de seus súditos, principiando os primeiros movimentos em direção a deflagração da famosa revolução francesa de 1789. Durante quase todo seu reinado, manteve amantes que exerceram grande influência no governo, como a marquesa de Vintimille e a célebre marquesa de Pompadour. Historicamente seu governo também ficou marcado pelo grande desenvolvimento na arte decorativa, o famoso *estilo Luís XV*.

A monarquia absoluta na França atingiu o seu ponto culminante nos reinados dos três últimos reis Bourbons, antes da Revolução. O primeiro desses monarcas foi Luís XIV, que encarnou, mais do que qualquer outro soberano de sua época, o ideal do absolutismo. Orgulhoso, extravagante e autoritário, Luís nutria as idéias mais exaltadas possíveis acerca da sua posição de rei. Não só acreditava ter recebido de Deus o encargo de reinar, mas, para ele, a sorte do Estado estava ligada à sua própria pessoa. A famosa frase que lhe é atribuída – *l'état c'est moi* – talvez não seja textualmente exata, mas exprime com toda a clareza a concepção que ele fazia da sua autoridade.

Escolheu o Sol como seu emblema oficial para simbolizar a crença de que a nação recebia dele o sustento e a glória, como os planetas os recebem do verdadeiro Sol. Talvez se possa dizer em favor de Luís XIV que nenhum homem trabalhou mais do que ele “no ofício de rei”.

Fiscalizava pessoalmente todos os setores do governo e considerava seus ministros como meros funcionários, cujo único dever era obedecer às suas ordens. Tudo indica, no entanto, que o país lucraria muito mais se Luís tivesse sido menos solícito.

O Rei-Sol, por si mesmo, pouco contribuiu para melhorar o governo da França. Mas, qualquer bem que possa ter feito, foi completamente eclipsado pelas suas guerras loucas e pela sua política racionária em matéria de religião. Em 1685 revogou o Edito de Nantes, que concedera a liberdade de consciência aos huguenotes. Como resultado disso, grande número de seus súditos, mais inteligentes e prósperos, abandonou o país.

O reinado de Luís XIV de mais de meio século representou um período de apogeu para a França. O país conheceu um enorme poderio militar, prosperidade científica e desenvolvimento artístico.

Em 1648 teve início a Fronda, uma série de conflitos liderados pelo Parlamento e pela nobreza contra o primeiro-ministro Jules Mazarin. Os problemas iniciaram ainda na menoridade de Luís XIV, contribuindo para o amadurecimento e fortalecimento do seu caráter. Dominado o conflito, Mazarin tomou uma série de medidas com a finalidade de organizar a máquina administrativa, transformando-a em uma das principais armas da monarquia. Por ocasião da morte de Mazarin, Luís XIV decidiu governar sozinho e elegeu como assessor financeiro Jean-Baptiste Colbert. A

economia do país foi reestruturada para atender às exigências mercantilistas, sendo então criadas a marinha mercante, fábricas, estradas e portos. Foram desenvolvidos dois novos e eficazes instrumentos de poder: um corpo de diplomatas profissionais e um exército permanente.

Em relação à política externa, seu firme objetivo foi glorificar a França e impedir qualquer ressurgimento do poder dos Habsburgo. Em quatro guerras, demonstrou a toda a Europa sua habilidade como chefe militar. Seu último empreendimento foi a Guerra da Sucessão espanhola (1701-1713).

Ao mesmo tempo em que seus exércitos combatiam os protestantes holandeses, Luís XIV negou a liberdade religiosa aos huguenotes e reforçou o controle sobre o clero católico. Em 1685, decidido a conseguir a conversão dos huguenotes, revogou o Editto de Nantes, dando um passo na direção da rebelião dos *camisards*.

Comparável à busca de glória na guerra foi seu mecenato no campo das artes. Entre outros feitos, Luís XIV incentivou e protegeu dois expoentes da literatura francesa: Racine e Molière. O grande palácio de Versalhes constituiu o símbolo ideal para sua luxuosa corte. Luís XIV não conseguiu pôr um fim nas tensões entre uma elite governante e uma sociedade estamental, baseada em privilégios hereditários. Entretanto, converteu a França no modelo burocrático da Europa absolutista do século XVIII.

Até o início da Revolução, em 1789, a forma de governo francês permaneceu essencialmente tal como a deixara Luís XIV. Seus sucessores Luís XV e Luís XVI também afirmavam governar por direito divino.

Vatel retrata esplendor e miséria da corte de Luis XIV

Vatel conta a história do organizador de uma maratona de banquetes opulentos para o príncipe de Condé, durante o século 17, na França. O vaidoso e arruinado príncipe pede a seu devotado intendente Vatel que organize três dias e três noites de celebração estonteante para Luís XIV, na esperança que o rei o conceda o comando de uma operação militar contra os holandeses.

Toda a corte de Versalhes comparece ao palácio de Chantilly, e assim tem início uma maratona de intrigas e devassidão. "As pessoas no filme sabem que são cruéis. Mas Vatel é feito de compaixão e do desejo de tornar os outros felizes", segundo o diretor Roland Joffé (*A Missão*).

Intrigas políticas, suntuosos palácios de época e o retrato de um chefe como verdadeiro artista e homem de honra fazem de *Vatel* um verdadeiro estudo sobre o perfil de um personagem extraordinário através de uma pintura da aristocracia nos tempos do Rei Sol.

Vatel existiu realmente, era intendente do príncipe de Condé e o que hoje chamaríamos um "chef". Seu suicídio é evocado pela escritora e cortesã Madame de Sevigné numa carta. Joffé optou por fazer dele um verdadeiro artista que busca a harmonia e a beleza.

O filme nos narra os três dias de trabalhos febris para satisfazer o rei e sua corte, as intrigas e baixezas dos grandes do reino, mas também a vida dos serventes, que aqueles depreciam, o amor entre Vatel e Anne de Montausier. E finalmente o suicídio, após comprovar que não tinha chegado o peixe fresco previsto para o jantar.

Gérard Depardieu encarna Vatel, rodeado de Tim Roth (o marquês de Lauzun), Uma Thurman (Anne de Montausier), Julian Sands (Luís XIV), Julian Glover (o príncipe de Condé). O diretor Roland Joffé reconheceu que a decisão de rodar o filme em inglês foi tomada por motivos financeiros e destacou que não quis fazer uma reconstituição histórica fiel.

